

GRUPO FOCAL E PEDAGOGIA VIVENCIAL HUMANESCENTE: TÉCNICA DE COLETA DE DADOS INOVADORA

Pétala Tuani Candido de Oliveira Salvador*
 Viviane Euzébia Pereira Santos**
 Cláudia Cristiane Filgueira Martins Rodrigues***
 Kisna Yasmin Andrade Alves****
 Kálya Yasmine Nunes de Lima*****

RESUMO

Objetiva-se caracterizar o uso do grupo focal baseado na Pedagogia Vivencial Humanescente como técnica de coleta de dados inovadora, bem como elucidar as percepções das acadêmicas de enfermagem acerca dos benefícios dessa inovação metodológica. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo. Para coleta de dados, utilizou-se a técnica do grupo focal realizada de acordo com a Pedagogia Vivencial Humanescente: realidade pedagógica transcricional humanescente, com oito acadêmicas de enfermagem de uma universidade pública do Brasil. Os dados foram analisados com base nos princípios orientadores fundamentados na obra de Alfred Schütz. Demonstra-se que o sucesso da consecução de um grupo focal está norteado pelo seu sistemático planejamento, e elucida-se que o uso da Pedagogia Vivencial Humanescente se traduziu em mais um elemento que proporcionou a efetivação de um ambiente aconchegante, confortante, estimulador de trocas espontâneas de idéias, o que fomentou os dados da pesquisa. O estudo busca servir como aporte para demais pesquisas qualitativas, reafirmando a eficácia do uso do grupo focal como técnica de coleta de dados e sugerindo o uso da Pedagogia Vivencial Humanescente como elemento benéfico à riqueza do encontro.

Palavras-chave: Pesquisa em enfermagem. Pesquisa qualitativa. Metodologia. Grupos focais. Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A pesquisa científica caracteriza-se como um conjunto de atividades orientadas para a busca do conhecimento, que se distingue pelo método, pelas técnicas, por se voltar para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento produzido⁽¹⁾.

O “fazer pesquisa”, assim, constitui um processo complexo, que articula teoria, método, operacionalização e criatividade, e, para tanto, “ser pesquisador” é estar integrado no mundo, uma vez que “[...] não existe conhecimento científico acima ou fora da realidade”⁽²⁾.

A pesquisa qualitativa, nesse panorama, é compreendida como aquela capaz de incorporar o significado e a intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais⁽²⁾. A busca de metodologias qualitativas, dessa forma, relaciona-se a indagações de estudo

subjettivas, caracterizadas pelo dinamismo, pela interação dos sujeitos, centralizando-se na experiência humana proveniente do contexto de vida⁽³⁾.

Trata-se, destarte, de um processo que busca a compreensão das percepções, da subjetividade, das vivências humanas, em termos não quantificáveis, não reducionistas, não cartesianos; que se assenta nas bases filosóficas que defendem a interdependência dos sujeitos, que valorizam a experiência individual do ser humano.

E dentre as técnicas de coleta de dados, destaca-se o grupo focal, cada vez mais utilizado no meio científico, principalmente em pesquisas com abordagem qualitativa. Essa é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais, baseado numa proposta compreensivista e construcionista, pautado numa natureza relacional, flexível e dinâmica, que busca promover uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico^(4,5).

* Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGENF-UFRN. Docente da Escola de Saúde e membro do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem - LABETEC. E-mail: petalatuan@hotmail.com

**Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da graduação e Pós Graduação em Enfermagem da UFRN. Líder do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem da UFRN E-mail: vivianeepsantos@gmail.com

***Enfermeira. Doutoranda do PPGENF-UFRN. Docente da Escola de Saúde. Membro do LABETEC. E-mail: claudiacrisfm@yahoo.com.br

****Enfermeira. Doutoranda do PPGENF-UFRN. Membro do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: kisanayasmin@hotmail.com

*****Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Membro do LABETEC. E-mail: lima.yasmine@yahoo.com.br

De acordo com a literatura, um histórico da técnica do grupo focal pode ser delineado em três fases: ela surge durante a década de 1920, quando os cientistas sociais a desenvolvem, usando-a, sobretudo, para o desenvolvimento de questionários de pesquisa de opinião pública; entre a Segunda Guerra e a década de 1970, em que os grupos focais foram utilizados por pesquisadores da área de *marketing*, principalmente para investigar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas; e, finalmente, dos anos 1980 até o presente, quando os grupos focais têm sido largamente utilizados por vários profissionais, emancipando-se no meio científico⁽⁶⁻⁸⁾.

Nesse contexto, o grupo focal ganha destaque como técnica de pesquisa, podendo ser utilizado como uma técnica complementar, como em um estudo preliminar para posterior construção de instrumentos (escalas e questionários); pode ser usado em pesquisas que utilizam múltiplas técnicas qualitativas, tais como grupo focal, observação participante e entrevista em profundidade; ou pode ser um grupo autorreferente, quando utilizado como técnica única^(4,9).

Para além de suas diversas maneiras de consolidação, o grupo focal busca obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado, enfatizando que o processo do grupo é maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais⁽⁶⁾.

Diante disso, ganha espaço uma nova estratégia para subsidiar a coleta de dados em grupos focais, a Pedagogia Vivencial Humanescente (PVH). A PVH trata-se de uma estratégia que busca *aprender a aprender a ser*, repensar a forma de ensinar, relacionar com o ser educativo e consolidar a humanescência - renascimento das essências humanas⁽¹⁰⁾. A PVH é norteada por seis etapas, a saber: imaginar ou resgatar experiências prévias; expressar ou imaginar através da técnica projetiva; promover dissonância cognitiva; relacionar o imaginário com o real; ressignificar os conceitos e práticas; e possibilitar mudanças através de um novo fazer⁽¹⁰⁾.

A valorização da face subjetiva dos indivíduos e das significações inerentes ao

processo de expressão dos significados aproxima, portanto, a PVH da pesquisa qualitativa, isso porque esta possibilita a reflexão, construção de ideias, interpretação e o desvelar de sentidos através de atividades vivenciais, que estimulam a lógica do imaginário e das significações com base nos conhecimentos prévios dos sujeitos envolvidos⁽¹⁰⁾. Deste modo, a valorização da face subjetiva dos indivíduos e das significações inerentes ao objeto de estudo aproxima a PVH da pesquisa qualitativa.

No que concerne ao relato de estudos alçados a partir do uso do grupo focal nas pesquisas em enfermagem, apreende-se que esse ainda se apresenta de forma incipiente, encontrando-se poucas, mas importantes, divulgações de seu uso como técnica de coleta de dados em enfermagem^(9,11,12). Já com relação à aplicação da PVH em pesquisas, observa-se ainda a sua incipiência, o que estimula a construção, aplicação e divulgação de projetos de pesquisa que a utilizam como técnica associada ao grupo focal para a coleta de dados.

Assim, tendo em vista a necessidade de se contribuir, cada vez mais, com a divulgação de experiências positivas do uso do grupo focal como técnica de coleta de dados efetiva em pesquisas qualitativas de enfermagem, bem como elucidando uma maneira diferencial de consolidação do grupo focal, norteado pela Pedagogia Vivencial Humanescente como mecanismo facilitador do desvelamento das percepções dos sujeitos participantes, é que se coloca o estudo em tela.

Objetiva-se, desse modo, caracterizar o uso do grupo focal baseado na Pedagogia Vivencial Humanescente como técnica de coleta de dados inovadora, bem como elucidar as percepções das acadêmicas de enfermagem acerca dos benefícios dessa inovação metodológica.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, o qual faz parte dos resultados do teste piloto do grupo focal associado à PVH, do projeto de dissertação denominado "Compreensão do típico ideal de técnicos de enfermagem acerca da sistematização da assistência de enfermagem"⁽¹³⁾, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em

Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

Para coleta de dados, utilizou-se a técnica do grupo focal realizada de acordo com a PVH: realidade pedagógica transcultural humanescente pautada nos saberes de dentro do Ser, de suas habilidades humanas, da sua subjetividade e da sua corporeidade⁽¹⁰⁾. Esse delineamento foi utilizado com o escopo de facilitar a expressão das motivações dos sujeitos, a exemplo de outras investigações que também utilizaram técnicas complementares durante a execução do grupo focal^(11,12,14).

Foi utilizada, nesse contexto, a prática da mandala humanopoiética, com a representação figurativa, por meio de miniaturas e massas de modelar, para apreender as percepções dos acadêmicos de enfermagem sobre a SAE, associando o representar, o redigir e o compartilhar reflexões como meio de facilitar a apreensão do típico ideal dos sujeitos, a partir da questão chave: “Quais são suas percepções acerca da SAE?”.

Os critérios de inclusão no estudo dos acadêmicos de enfermagem foram: ser bolsista de iniciação científica e estar no mínimo no 5º período do curso de enfermagem.

O estabelecimento de critérios se deu em busca da homogeneidade dos participantes⁽¹⁰⁾. Além disso, estabeleceu-se o 5º período do curso como critério base a fim de garantir que todos os sujeitos já tivessem contato com a SAE no ambiente acadêmico, uma vez que os participantes devem ter vivência com o tema a ser discutido no grupo focal, propiciando riqueza na troca de informações⁽¹⁵⁾.

Assim, foram convidados, via e-mail, doze acadêmicos, dos quais oito compareceram ao encontro. Esses são identificados no texto pelas letras AE (Acadêmico de Enfermagem), seguidas pelo número sequencial, de um a oito (AE1, AE2, assim sucessivamente, até AE8).

O encontro aconteceu no dia 18 de setembro de 2012, em uma sala previamente preparada do Departamento de Enfermagem da UFRN, totalizando 125 minutos.

Após ouvir as gravações dos encontros, realizou-se a sua transcrição e leitura dos registros realizados pelo relator do grupo focal.

Por fim, as falas foram organizadas, mediante múltiplas leituras, e analisadas com base nos princípios orientadores⁽¹⁶⁾ fundamentados na obra de Alfred Schutz, fenomenólogo que reflete sobre as experiências subjetivas do ser humano.

O estudo seguiu os princípios éticos e legais que regem a pesquisa científica em seres humanos, preconizados na Resolução nº 196/96, atualizada pela Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, preservando o caráter voluntário dos participantes e o anonimato dos interlocutores, sendo aprovado pelo Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, nº 98.424, de 31 de agosto de 2012, CAAE nº 05906912.0.0000.5537.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O elemento textual “resultados e discussão” será apresentado em dois tópicos teóricos. O primeiro, objetiva caracterizar os aspectos sobre o grupo focal e a PVH como uma inovação metodológica. A partir dessa caracterização, no segundo tópico serão apresentadas as percepções dos discentes de enfermagem.

Caracterização da inovação metodológica

O grupo focal, intitulado “O que eu penso acerca da SAE”, contou com a participação de oito acadêmicos de enfermagem da UFRN, que responderam positivamente aos critérios de inclusão.

A participação de oito sujeitos condiz com o que é recomendado pela literatura, que estabelece um quantitativo ideal entre seis e 15 participantes, escolha que vai depender dos objetivos de cada estudo, de modo que, quando se deseja gerar maior número de ideias, a melhor opção é organizar grupos maiores, e, em contrapartida, quando se espera aprofundar a temática na discussão, deve-se optar por grupos menores⁽¹¹⁾.

Destaca-se, ainda, que, mais importante do que a quantidade de participantes, é a qualidade do encontro, que é garantida através da organização e do planejamento criterioso, refletindo nos resultados⁽⁴⁾. Assim, previamente à consecução do grupo focal, esse foi minuciosamente planejado, sendo confeccionado um instrumento de sistematização do encontro, englobando:

identificação, objetivo geral, sistematização e cronograma, com definição das etapas, tempos de duração e atribuições de cada componente – mediadora, relatora e colaboradora.

Dias antes de o grupo focal ser realizado, tal instrumento foi discutido com os componentes da equipe, a fim de garantir uma consecução organizada e integrada, em que todos estivessem sintonizados e capacitados para efetivar o que estava sendo proposto.

A mediadora, a própria mestrand, atuou desde a concepção do grupo focal, em conjunto com sua orientadora, até a transcrição do mesmo, desempenhando, durante o encontro, o papel fundamental de mediar a discussão, permitindo a participação efetiva de todos os membros.

O mediador, também denominado moderador ou coordenador do grupo focal, exerce papel elementar no desenrolar do encontro, devendo desempenhar uma função passiva, permitindo a sinergia entre os sujeitos do estudo⁽¹⁷⁾. Sua função está relacionada ao preparo e instrumentalização em todas as fases do processo, buscando favorecer a integração e a exposição de opiniões, mediando as discussões, conduzindo o grupo evitando a concentração de falas em poucos participantes, estimulando e mantendo o foco da discussão no tópico da pesquisa^(5,18).

Para tanto, a literatura destaca algumas características necessárias ao mediador: tranquilidade; dinamismo; habilidade de ouvir; consciência da comunicação não verbal; capacidade de seleção e instrumentalização dos componentes do grupo; competência para lidar com o inusitado; bom humor; boa memória; flexibilidade; postura de acolhimento diante dos participantes; e consciência das suas intervenções verbais e não verbais^(6-14,18).

Por conseguinte, para desempenhar tal função, é fundamental que o investigador busque seu aperfeiçoamento na forma de conduzir debates, de registrar observações, de elaborar questões importantes para a investigação sem perder os objetivos e de saber lidar com uma grande quantidade de dados⁽⁷⁾, aspectos que buscaram ser fomentados no estudo em relevo.

Outro componente chave do grupo focal é o relator, que também desempenha o papel imperativo de observador do encontro, anotando aquilo que não pode ser captado pelas gravações, tais como: expressões faciais, expressões corporais,

dentre outros aspectos. Essa função, no grupo focal relatado, foi desempenhada por uma mestra em enfermagem, professora da universidade campo de estudo.

O observador é fundamental para validar a investigação que utiliza grupo focal, analisando a rede de interações presentes durante o processo grupal, isso por meio de uma posição menos ativa, restringindo-se ao registro de comunicações não verbais, para verbais, linguagem, atitudes, preocupações e ordem de respostas que seja considerada importante⁽⁶⁾.

Além disso, contou-se com o auxílio de uma colaboradora, também mestrand, em enfermagem, que deu apoio logístico durante o encontro, entregando instrumentos, tirando fotos e manuseando os gravadores.

Ressalta-se que os acadêmicos de enfermagem, que participaram como sujeitos ativos do grupo focal relatado estavam sendo treinados para a colaboração na coleta de dados de um projeto dissertativo, isso vivenciando o próprio momento, o que está de acordo com os preceitos da Pedagogia Vivencial Humanescente, que defende que o aprendizado, para ser significativo, deve ser vivencial⁽¹⁰⁾.

Para a eficácia do grupo focal, outro aspecto que deve ser considerado é o ambiente. Esse deve estar livre de barulho, de situações de permitam a distração, ser confortável, agradável, ter uma disposição de cadeiras que possibilite a visualização igualitária, pelo moderador e pelo observador, de todos os participantes, bem como de cada membro do grupo entre si^(6,7,9,19).

O ambiente, previamente preparado, estava assim disposto: no centro da sala estava o lugar onde a mandala seria construída, com um “tapete” de 3,00 x 4,20 metros de TNT verde e um círculo central alaranjado, onde estavam dispostas as tábuas de construção dos cenários, as massas de modelar e as miniaturas; em semicírculo, atrás do espaço anteriormente descrito, havia cadeiras, para que os participantes inicialmente assistissem a apresentação da pesquisa e após assinassem os termos e preenchessem o questionário de caracterização; e, de frente para esses espaços, estava a cadeira onde a relatora ficaria descrevendo os detalhes percebidos no desenrolar do encontro.

O encontro aconteceu no dia 18 de setembro de 2012, em uma sala previamente preparada do Departamento de Enfermagem da UFRN,

totalizando 125 minutos, tempo recomendado como ideal pela literatura^(6,7,9,11,19). Seguindo o planejamento prévio, o encontro foi sistematizado em momentos, com tempos definidos, bem como

com a determinação da função de cada componente da equipe, como pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1. Sistematização do grupo focal, Natal/RN, 2012.

Duração	Momento	Atribuições		
		Mediadora	Colaboradora	Relatora
5 min	Recepção dos participantes	Receber cordialmente os participantes	Entregar os identificadores	Relatar hora de início do encontro e presença dos participantes
15 min	Apresentação da pesquisa e dos participantes	Apresentar síntese do estudo dissertativo e mediar a apresentação dos participantes		Anotar percepções da apresentação do estudo
5 min	Assinatura dos termos	Solicitar a assinatura dos termos, enfatizando aspectos éticos	Distribuir termos para assinatura e, após assinatura, ligar os gravadores	Registrar desenrolar das atividades
20 min	Preenchimento do questionário e apresentação dos participantes	Solicitar o preenchimento dos questionários e a apresentação dos participantes, sanando quaisquer dúvidas	Distribuir questionários e auxiliar nas dúvidas dos participantes	Registrar percepções e desenrolar das atividades
40 min	Apresentação da atividade e construção das mandalas	Apresentar questão chave e explicar procedimento de construção das mandalas	Tirar fotos	Anotar percepções acerca da construção das mandalas
30 min	Compartilhamento dos resultados	Mediar o compartilhamento dos resultados, garantindo resposta das questões e participação de todos	Tirar fotos	Anotar percepções acerca do compartilhamento dos resultados
10 min	Encerramento do encontro	Encerrar encontro, solicitando sugestões dos participantes	Apresentar suas percepções, sugerindo melhorias	Apresentar suas percepções, sugerindo melhorias

Como diferencial da inovação metodológica relatada, destaca-se o uso da Pedagogia Vivencial Humanescente, por meio da técnica da mandala humanopoiética. Essa foi utilizada com o objetivo de facilitar o desvelamento das percepções dos participantes. O uso de técnicas, como dinâmicas, uso de textos e frases de apoio, com o escopo de facilitar a discussão, não é comum, mas é descrito como possível e facilitador na execução de grupos focais^(9-12,14).

A disposição da sala para o desenvolvimento da vivência chamou a atenção das acadêmicas, que demonstraram, inicialmente, curiosidade para com a disposição do ambiente e ansiedade para saber como participariam da pesquisa. O sentimento inicial de preocupação, entretanto, a partir da apresentação da pesquisa e dos esclarecimentos da mediadora, foi se transformando aos poucos em envolvimento com o grupo focal.

As falas iniciais logo se transformaram em silêncio e as participantes conseguiram claramente

consolidar a proposta inicial de introspecção para refletir e responder ao questionamento de forma imagética. Elas olhavam muitas vezes para a pergunta chave que estava projetada, refletindo sobre a melhor forma de representar suas motivações, analisando atentamente as miniaturas e manuseando as massinhas. Aos poucos, os cenários foram sendo construídos, com muita criatividade e reflexividade.

A proposta consistia em utilizar a tríade “montar-falar-escrever” para estimular a expressão das percepções dos participantes acerca da questão norteadora: 1) montar um cenário utilizando massas de modelar e miniaturas; 2) falar acerca de suas representações, compartilhando ideias e opiniões; e 3) escrever a descrição do cenário construído, em um instrumento de pesquisa que contribuiu para a análise das falas das acadêmicas.

Assim, as acadêmicas de enfermagem construíram um cenário respondendo a questão proposta, redigiram uma descrição de suas

representações e compartilharam os resultados alcançados com os demais, por meio da construção da verdadeira mandala humanopoiética, atingindo ao objetivo do grupo focal. A figura 1 demonstra tal momento.



Figura 1. Compartilhamento das percepções das participantes, Natal/RN, 2012.

Fonte: dados da pesquisa.

A eficácia do uso de atividades vivenciais também foi descrito por pesquisa que relatou a experiência de utilização da técnica de grupo focal para coletar dados de pesquisa em enfermagem com acadêmico acerca do tema “sexualidade na prática da enfermagem”. Tal estudo ressaltou que, à medida que as participantes expressavam seus sentimentos e concepções através das técnicas, iam explicando, argumentando e criando “naturalmente” a discussão⁽¹²⁾.

Apreende-se, assim, que o uso da Pedagogia Vivencial Humanescente como forma de facilitar a expressão dos participantes no grupo focal se traduziu em mais um elemento que proporcionou a efetivação de um ambiente acolhedor, confortável, estimulador de trocas espontâneas de ideias: uma forma de “[...] cuidar de quem está participando conosco de uma investigação científica, proporcionando ambiente acolhedor, relaxante, carinhoso e ao mesmo tempo oportunizar a revelação dos debates de maneira criativa e descontraída”⁽¹²⁾, aspecto que contribuiu para a eficácia da inovação metodológica apresentada.

Percepções das acadêmicas de enfermagem

Quando interrogadas acerca de suas percepções sobre a participação em um grupo focal, subsidiado pela Pedagogia Vivencial Humanescente, as acadêmicas de enfermagem elucidaram os

benefícios de tal experiência, que proporcionou: a fluidez de ideias; a elucidação de todos os detalhes por meio da tríade “montar-falar-escrever”; um aprendizado mútuo; discussões ricas; a expressão da criatividade; a demonstração de emoções; a reflexão; e a união de diversas percepções.

O grupo focal, dentre suas inúmeras vantagens, por sua particularidade de buscar a sinergia de uma interação grupal, fomenta-se a partir de uma liberdade de expressão dos participantes, incentivando trocas, descobertas, participações comprometidas, permitindo a emergência de multiplicidades de pontos de vista e processos emocionais ancorados na experiência cotidiana dos participantes, promovendo aos pesquisados um *insight*, isto é, um espaço de reflexão de suas próprias concepções, de uma auto-avaliação, o que possibilita a mudança de comportamento^(4,9,11,14,15).

[...] o fato de cada uma falar a sua opinião, de serem várias pessoas espontaneamente, é bacana porque ela tem uma ideia a respeito daquilo, que eu também posso ter, mas que não tenha me lembrado naquele momento e eu expressei de outra forma. E eu tenho outras ideias que também ela pode não ter se lembrado. Então eu acho que fica muito rico, muito rica a discussão e o aprendizado pra gente também, e pra coleta dos dados da pesquisa. (AE3)

Adicionalmente, o uso da técnica da mandala humanopoiética, ancorada nos princípios da Pedagogia Vivencial Humanescente, favoreceu o desenvolvimento do grupo focal, isso, segundo as acadêmicas de enfermagem, por meio da promoção de um ambiente que incentivava a expressão da criatividade, das emoções, das ideias, o que permitiu a fluidez do pensamento e da construção coletiva de suas percepções.

Eu achei genial essa ideia desse grupo focal com essa mandala, com esses instrumentos, porque deu pra aflorar bastante nossa criatividade e demonstrar emoção, acho que deu pra ver a emoção da enfermagem em cada uma do jeito que fez a mandala. (AE7)

Eu achei muito interessante, porque é uma coisa que bota a pessoa realmente pra pensar né... De repente coloca um mundo de coisas aqui e uma pergunta e você “E aí? O que é que eu faço?” (risos). Então, assim, no final a gente vê que realmente flui, que sai muita coisa interessante... Então, assim, eu achei muito interessante. (AE8)

Apreende-se, assim, que a consecução do grupo focal permitiu o alcance dos objetivos traçados,

pautando-se num diálogo participativo, intersubjetivo, de aprendizados mútuos, como as próprias acadêmicas de enfermagem relataram.

Para aquém da realização da ambientação de um estudo dissertativo, a inovação metodológica apresentada incentivou o pensamento criativo e grupal das acadêmicas de enfermagem acerca da SAE, além de por em relevo os benefícios do uso da Pedagogia Vivencial Humanescente como técnica auxiliar de consolidação do grupo focal, facilitando o desvelamento das percepções dos sujeitos participantes.

CONCLUSÃO

Ao caracterizar a utilização do grupo focal aliada à PVH como técnica de coleta de dados inovadora em pesquisa qualitativa em enfermagem, busca-se contribuir para incentivar o uso de tal metodologia em estudos que objetivem promover uma interação grupal como meio de favorecer a expressão das ideias dos participantes, incentivando a promoção de *insights*, de reflexões que não seriam possíveis em um estudo pautado em entrevistas individuais.

Demonstra-se que o sucesso da consecução de um grupo focal está norteado pelo seu sistemático planejamento, envolvendo número de participantes, garantia de preceitos éticos, preparo do ambiente, duração do encontro e o correto delineamento das funções e preparo da equipe responsável pelo desenrolar do grupo focal, destacando-se o papel primordial do mediador e do relator.

Para tanto, o investigador deve ser crítico, reflexivo e criativo, buscando as melhores maneiras para proporcionar uma participação efetiva de todos, o que requer, também, a escolha sobre a utilização de uma técnica de apoio, que possa facilitar a expressão subjetiva dos participantes.

Elucidaram-se, assim, os benefícios do uso da Pedagogia Vivencial Humanescente, por meio da técnica da mandala humanopoiética, como facilitadora da execução do grupo focal, favorecendo: a fluidez de ideias; elucidação de todos os detalhes por meio da tríade “montar-falar-escrever”; um aprendizado mútuo; discussões ricas; a expressão da criatividade; a demonstração de emoções; a reflexão; e a união de diversas percepções.

Destarte, o estudo busca servir como aporte para demais pesquisas qualitativas em enfermagem, bem como em demais áreas, reafirmando a eficácia do uso do grupo focal como técnica de coleta de dados e sugerindo o uso da Pedagogia Vivencial Humanescente como elemento benéfico à riqueza do encontro, favorecendo o desvelamento das percepções dos sujeitos participantes.

Destaca-se que os resultados encontrados podem estar influenciados pelo currículo de formação das acadêmicas de enfermagem, sugerindo-se a replicação da proposta em outros ambientes. Não houve dificuldades na realização do estudo, aspecto que pode estar influenciado pela sistematização do encontro, elemento primordial para a eficácia de um grupo focal.

FOCUS GROUP AND EXPERIENTIAL PEDAGOGY: INNOVATIVE TECHNIQUE OF DATA COLLECTION

ABSTRACT

The objective is to characterize the use of focus group based in Experiential Pedagogy Humanescent as a technique for innovative data collection as well as to elucidate the perceptions of nursing students about the benefits of lived experience. This is an exploratory and descriptive study. For data collection, we used the technique of focus group conducted in accordance with the Experiential Education Humanescent: humanescent transcultural pedagogical reality, with eight nursing students of a public university in Brazil. Data were analyzed based on the guiding principles based on the work of Alfred Schutz. It was demonstrated that the successful achievement of a focus group is guided by its systematic planning, and clarified that the use of experiential pedagogy resulted in another element that provided a warm, comforting, spontaneous environment of exchanges of ideas stimulator, which fostered the research data. The study aims to serve as input to other qualitative research, confirming the effectiveness of the use of focus group as data collection technique and suggesting the use of Experiential Education Humanescent as a beneficial element to the richness of the meeting.

Keywords: Nursing research. Qualitative research. Methodology. Focus groups. Nursing.

GRUPO FOCAL Y LA PEDAGOGÍA VIVENCIAL: TÉCNICA DE RECOLECCIÓN DE DATOS INNOVADORA

RESUMEN

El objetivo es caracterizar el uso del grupo focal basado en la *Pedagogia Vivencial Humanescente* como técnica de recolección de datos innovadora, así como aclarar las percepciones de los estudiantes de enfermería sobre los beneficios de esta innovación metodológica. Se trata de un estudio exploratorio y descriptivo. Para la recolección de datos se utilizó la técnica de grupo focal realizado de acuerdo con la *Pedagogia Vivencial Humanescente*: realidad pedagógica humanescente transcultural, con ocho estudiantes de enfermería de una universidad pública de Brasil. Los datos fueron analizados a partir de los principios orientadores basados en la obra de Alfred Schütz. Se demuestra que el éxito de la consecución de un grupo focal está guiado por su planificación sistemática y se aclara que el uso de la *Pedagogia Vivencial Humanescente* resultó en un elemento más que ha proporcionado la efectuación de un ambiente acogedor, confortante, estimulador de cambios espontáneos de ideas, lo que fomentó los datos de la investigación. El estudio pretende servir de apoyo a otras investigaciones cualitativas, asegurando la eficacia del uso del grupo focal como técnica de recolección de datos y sugiriendo el uso de la *Pedagogia Vivencial Humanescente* como elemento beneficioso para la riqueza del encuentro.

Palabras clave: Investigación en enfermería. Investigación cualitativa. Metodología. Grupos focales. Enfermería.

REFERÊNCIAS

1. Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos da metodologia científica. 7ª ed. São Paulo: Atlas; 2010.
2. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec; 2010.
3. Miranda SM, Santos LMN, Luz MHBA, Pedrosa JIS, Monteiro CFS. Ethical issues in qualitative nursing research: a reflective approach. Rev Enferm UFPI. 2013 out;2(4):92-6.
4. Silva MG, Fernandes JD, Rebouças LC, Rodrigues GRS, Teixeira GA, Silva RMO. Publications that used focal group as research technique: what do they teach us? Cienc Cuid Saúde. 2013 abr/jun;12(2):398-406.
5. Backes DS, Colomé JS, Erdmann RH, Lunardi VL. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. Mundo Saúde. 2011 out/dez;35(4):438-42.
6. Vieira CM, Santiago LS, Tavares PCW, Brandt A, Negri F, Oliveira MRM. Aplicação da técnica de Grupo Focal em pesquisa da Rede-SANS sobre as ações de alimentação e nutrição na atenção básica em saúde. Cad Saúde Colet. 2013;21(4):407-13.
7. Teixeira SR, Maciel MD. Grupo focal: técnica de coleta de dados e espaço de formação docente. In: Anais do 7º Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências; 2009 Nov 08; Florianópolis. Santa Catarina. Brasil. Florianópolis: UFSC; 2009.
8. Munaretto LF, Corrêa HL, Cunha JAC. Um estudo sobre as características do método delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. Rev Adm UFSM. 2013 jan/mar;6(1):9-24.
9. Barbosa JAG. A utilização do Grupo Focal como método de coleta dados em pesquisa qualitativa na saúde e na enfermagem. NBC: Periódico Científico do Núcleo de Biociências. 2012 ago/set;2(3):38-46.
10. Cavalcanti KB. Pedagogia Vivencial Humanescente: para sentir e pensar os sete saberes na educação. Curitiba: CRV; 2010.
11. Ressel LB, Beck CLC, Gualda DMR, Hoffmann IC, Silva RM, Sehnem GD. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. Texto & contexto enferm. 2008 out/dez;17(4):779-86.
12. Ressel LB, Gualda DMR, Gonzalez RMB. Grupo focal como uma estratégia para coletar dados de pesquisa em enfermagem. Int J Qual Methods. 2002 abr/maio;1(2):1-29.
13. Salvador PTCO. Compreensão do típico ideal de técnicos de enfermagem acerca da sistematização da assistência de enfermagem. 2013 [dissertação]. Natal (RN). Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2013.
14. De Antoni C, Martins C, Ferronato MA, Simões A, Maurente V, Costa F, et al. Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. Arq Bras Psicol. 2001 maio/ago;53(2):38-53.
15. Zimmermann MH, Martins PLO. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência [on line]. In: Anais VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR (Educere); 2008 out 6-9 [citado em 16 mar 2013]. Curitiba. Paraná. Brasil. Curitiba: Champagnat; 2008. p. 12115-25 Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/21_86.pdf.
16. Zeferino MT. Mundo-vida de caminhoneiros: uma abordagem compreensiva para a enfermagem na perspectiva de Alfred Schütz. 2010 [tese] Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2010.
17. Piexak DR, Backes DSB, Santos SSC, Ilha S, Vidal DAS, Tomaschewski-Barlem JG, et al. Utilização do grupo focal para a coleta de dados nas pesquisas qualitativas. In: Anais da 2ª Jornada Internacional de Enfermagem Unifra. 2012 maio 29-31; Santa Maria (RGS). Rio Grande do Sul. Brasil. Santa Maria; 2012.
18. Mazza VA, Melo NSFO, Chiesa AM. O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência. Cogitare enferm. 2009 jan/mar;14(1):183-8.
19. Santos PPO, Vieira AM. A técnica metodológica do grupo focal: uma contribuição na investigação das concepções que compõem a identidade docente. Iniciação Científica Cesumar 2012 jul/dez;14(2):129-34.

Endereço para correspondência: Pétala Tuani Candido de Oliveira Salvador. Rua Almir Freire, 324. CEP: 59270-000. Centro, Bom Jesus-RN, Brasil. E-mail: petalatuan@hotmail.com

Data de recebimento: 31/03/2014

Data de aprovação: 16/03/2015